



O HÍBRIDO NA ARTE DE EDUARDO KAC: MUTAÇÕES E CONVERGÊNCIAS ESTÉTICAS DA ARTE APLICADAS AO DESIGN

Fabio Parode, Ione Benz e Alexandre Rocha

Unisinos, Unisinos, UFRGS

O universo da arte apresenta-se como um campo de experimentação e prospecção de idéias e valores capazes de transformar a relação dos sujeitos com o mundo. De fato, a arte potencializa espaços de percepção criando maior ou menor distanciamento, ou seja, interferindo na latitude e na longitude do próprio sujeito e de sua relação com os objetos circundantes. Nesse sentido, a arte se coloca entre os indivíduos e o mundo como uma membrana *transductiva*, permitindo passagem e retenção como um filtro de formas e conteúdos. A arte biológica de Eduardo Kac, artista plástico brasileiro naturalizado americano, produz esse efeito paradoxal entre o controle e a explosão de limites, ao submeter a arte a questionamentos que perpassam a ética e os padrões do conhecimento, e transgridem os próprios limites da natureza e da política. Uma análise crítica do discurso dos artistas através da história da arte ressalta que um dos modos operativos para criação de valor estético dos movimentos é o tratamento das formas e dos conteúdos por ruptura brusca, transgressão e violência. Foi assim, por exemplo, no caso de Picasso, Francis Bacon e de Duchamp. Em tese, esse tratamento violento é gerativo de estéticas que atualizam nos corpos e na sociedade seu devir mutante. Em um momento em que o cinema reinventa-se através da tecnologia da simulação e da realidade em 3D, a



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

arte explora o universo do artificial, pela potência das tecnologias, materializando e comunicando a cultura Pop em laboratório. Esse efeito é particularmente evidente na obra de Eduardo Kac, que para além do universo da ficção científica, remete-nos ao mundo maquínico do consumo e do descartável, em que homem e máquina compõem um cenário cujos limites são imaginação e tecnologia. A intertextualidade de Alba de Kac com Alice de Lewis Carrol é reveladora de uma lógica que busca lançar questões sobre os processos do real e a representação, nos limites entre o dentro e o fora, entre as contrações e expansões dos fluxos dos corpos. Os elementos dessa lógica já apareciam nas figuras do paradoxo apresentadas por Gilles Deleuze em seu estudo sobre a obra de Carrol. A atualização cinematográfica de Alice por Tim Burton, assim, revigora as teses deleuzeanas e as desloca para o espaço textual propriamente midiático, reforçando a atualidade da transgressão como *modus operandi* na cultura de consumo contemporânea, contaminação da arte especialmente verificada na dinâmica da imagem tornada espetáculo pela indústria cultural. Algumas perguntas se impõem: Como podem ser identificados os processos transgressivos? Quais os índices de mutação e convergência que podem ser descritos? Em que intensidade ou de que modo as experiências de arte contemporânea alteram os parâmetros convencionais que classificam a obra como arte? Será pela História da Arte, pela comunicação e através da semiótica que pretendemos explorar o universo dessas questões tendo como contraponto o design e a cultura do consumo.

Transgressão, arte, mídia